

## Preconceito e intolerância na linguagem

CÂMARA, Yls Rabelo. Preconceito e intolerância na linguagem. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 195-198, jan./jun. 2017.

**Palavras-chave:** Preconceito Linguístico. Intolerância Linguística. Português Brasileiro.

**Keywords:** Linguistic Prejudice. Linguistic Intolerance. Brazilian Portuguese.

Yls Rabelo CÂMARA (USC - Espanha)  
ylscamara@hotmail.com

Segundo seu Currículo Lattes<sup>1</sup>, Marli Quadros Leite é Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade e Pesquisa (PQ) CNPq tem mestrado (1992) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1996), pós-doutorado pela University of Pennsylvania (EUA) e pela Université de Paris VII – Diderot. É líder de dois Grupos de Trabalho (CNPq): Gramáticas: história, descrição e discurso do qual participam pesquisadores brasileiros, franceses e portugueses, e Projeto NURC/SP–Núcleo USP, no qual atua juntamente com o Prof. Dr. Dino Preti. É coordenadora de dois acordos de cooperação internacional da USP com: (i) a Université de Paris VII; (ii) Universidade de Trás-os-Montes–Alto–Douro (UTAD). É autora de livros, capítulos e artigos que versam sobre temas científicos e didáticos. É Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e foi Presidente da Comissão de Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Assessora Técnica da Pró-Reitoria de Graduação da USP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: historiografia linguística, norma e uso linguísticos, oralidade e escrita.

Dentre os oito livros que publicou até a presente data, este, especificamente, trata da intolerância e do preconceito linguísticos estudados pela Sociolinguística, assim como seus impactos na linguagem. Tal como defende Bagno (2007, 2003), não podemos pretender que em um país como o nosso, cuja dimensão territorial alcança quase nove milhões de quilômetros quadrados e que tem, em média, uma população de aproximadamente duzentos e quatro milhões de pessoas, falemos apenas um idioma. A Língua Portuguesa foi-nos imposta pela Reforma Pombalina em 1759, mas desde então ainda não foi capaz de calar nossas quase trinta línguas europeias e indo-asiáticas (vindas com os colonos e, posteriormente, com os imigrantes nos diversos ciclos econômicos pelos quais passamos ao longo de nossa história), nossas mais de cem línguas de origem tupi (que os descendentes de nossos autóctones falam em paralelo à língua oficial, o português), além de algumas línguas africanas sobreviventes e que hoje são faladas como línguas de resistência e em rituais religiosos, além, obviamente, da língua de sinais.

O preconceito linguístico, segundo Bagno (2007, 2003), começa

<sup>1</sup> Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4768001T3> (Acesso em: 09 ago. 2016.).

quando, a título de ilustração, uma variante da Língua Portuguesa tenta se sobrepôr à outra, com a clara intenção de sobressair-se como “a correta” em detrimento das demais. Segundo Bechara (2002), não existe uma variante linguística (no caso aqui, da Língua Portuguesa) melhor do que a outra; o que há são diferenças sócio-culturais que impactam na linguagem e que devem ser respeitadas para que o fosso linguístico não se aprofunde mais ainda entre uns falantes e outros.

A Professora Doutora Marli Quadros Leite pensa consoante a estes teóricos quando defende que a intolerância linguística é tão ofensiva quanto qualquer outra, porque fere o sujeito em sua individualidade de fala, no que ele tem de mais íntimo, que é a expressão de sua subjetividade — que é uma característica individual, ainda que expressa de modos plurais. Assim sendo, a atitude linguística da intolerância quanto ao modo como o outro se expõe na linguagem eleva o preconceito linguístico a um patamar para além do preconceito em si, não somente contra a linguagem de alguém, mas contra este próprio alguém. A metalinguagem intolerante é, em suma, um agente de exclusão social. Os usuários da língua têm que saber reconhecer o preconceito e a intolerância linguísticos na prática para que, de um lado possam refletir sobre ambos e, do outro, ajudem a evitar suas manifestações. Saber fazê-lo é um ato que denota cidadania e, acima de tudo, respeito pelas diferenças.

Para fundamentar sua teoria e fio condutor de seu trabalho ao longo desta obra, a autora baseou-se em autores consagrados e que se fundamentam em conceitos filosóficos que concernem à tolerância. Dentre eles, destacamos Voltaire, Dascal, Bobbio e Rouanet. Como amostra, onde as teorias destes estudiosos se aplicam à realidade do Português Brasileiro, a autora coletou fatos de preconceito e intolerância linguísticos veiculados pela imprensa entre os anos 1990 e 2006, com especial destaque para o discurso do então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, alvo de duras críticas por parte da mídia e, conseqüentemente, por parte de leitores, de ouvintes e de telespectadores que o julgavam inferior por não ser ele usuário da norma culta da Língua Portuguesa, além do fato de ser um nordestino de origem humilde, sem estudo – o que para muitos denota um incontestável atraso.

O livro **Preconceito e intolerância na linguagem** é recomendável não somente para os estudantes e profissionais do Magistério e da faculdade de Letras, para os estudantes e profissionais do Jornalismo, mas para o público em geral, de áreas diversas, em especial o que

lida com a linguagem em seu cotidiano. Escrito de maneira que sua mensagem atinja esta proporção maior de leitores, a obra é, ao mesmo tempo, profunda em seu conteúdo e simples na escolha de uma linguagem acessível. Muito bem fundamentada, a teoria defendida pela autora encontra eco nas amostras que colheu, que comprovam o quão preconceituosos somos com quem fala uma variante da Língua Portuguesa diferente da nossa.

O intuito de sua autora é despertar nossa atenção para essa problemática e fazer-nos refletir sobre nossa prática nesse aspecto. Apesar de ser uma obra recente, trata de assuntos que a Sociolinguística vem trabalhando há décadas e que tem defensores ferrenhos como os Professores Doutores Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo e Dante Lucchesi. Pela forma como sua ideia é apresentada ao longo das cento e quarenta e quatro páginas que perfazem esse livro em particular, temos a convicção de que seu objetivo será plenamente atingido.

### Referências

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz? São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BECHARA, Evanildo. O ensino da gramática. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 2002.

LEITE, Marli Quadros. Preconceito e intolerância na linguagem. Coleção linguagem & ensino. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Recebida em: 15 de ago. de 2016.  
Aceita em: 21 de dez. de 2016.